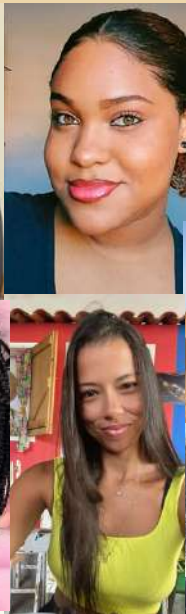
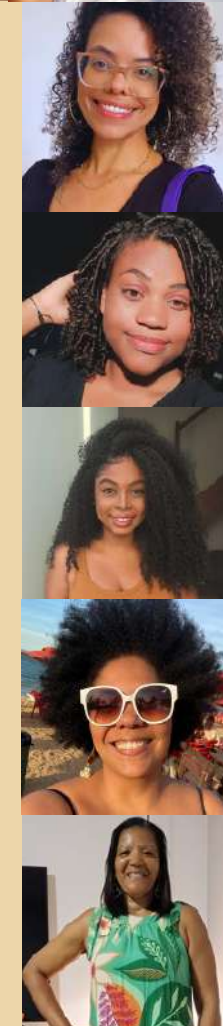
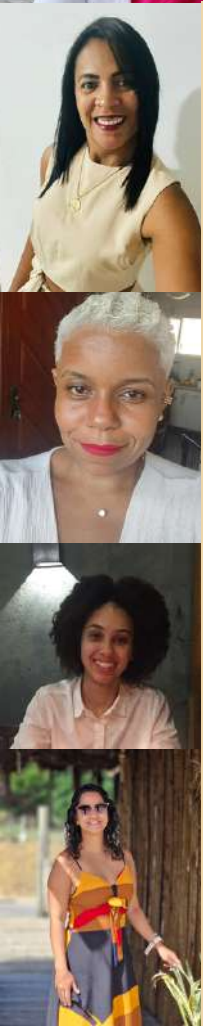




***25 de julho:
Dia Internacional
da Mulher Negra,
Latino-
Americana e
Caribenha!***

*GEACIQ INDICA-
ESPECIAL MÊS DE JULHO*




Um pouco de história:

No dia 25 de Julho celebra-se o Dia Internacional da Mulher Negra, Latino-Americana e Caribenha. A data foi instituída em 1992 durante o 1º Encontro de Mulheres Afro-Latino-Americanas e Afro-Caribenhas, realizado na República Dominicana e é um marco significativo que celebra a força, a resistência e desde então tem servido como um momento de reflexão e luta contra o racismo e as várias formas de discriminação a que essas mulheres foram e ainda são submetidas.

Neste dia também se homenageia Tereza de Benguela, uma líder quilombola de grande importância para a história do Brasil, reverenciada por sua coragem e habilidade em liderar o Quilombo do Quariterê, localizado na região do atual estado do Mato Grosso.

A data simboliza um compromisso contínuo com a justiça social e a dignidade humana, celebrando as conquistas e destacando os desafios que ainda precisam ser enfrentados. É um dia para honrar o legado de resistência das mulheres negras, latino-americanas e caribenhas e renovar o compromisso com a luta por uma sociedade com equidade de raça e gênero.

A black silhouette of a woman's head in profile, facing right. She has curly hair and is wearing a large hoop earring. Two flowers, one red and one yellow, are positioned near her ear. The background is a light beige color.

CONSIDERANDO A IMPORTÂNCIA DESTA DATA, A “GEACIQ INDICA” DE JULHO RECONHECE E HOMENAGEIA MULHERES NEGRAS QUE TÊM SIDO INSPIRAÇÃO E REFERÊNCIA DE LUTA E RESISTÊNCIA NO BRASIL, NO NOSSO ESTADO E NO NOSSO CONVÍVIO EDUCACIONAL.

QUANDO A MULHER NEGRA SE MOVIMENTA, TODA A ESTRUTURA DA SOCIEDADE SE MOVIMENTA COM ELA

ANGELA DAVIS

JULHO DAS MULHERES NEGRAS
GEACIQ



Interseccionalidade e mulheres negras

O olhar interseccional é fundamental para compreender as diversas camadas de opressão a que as mulheres negras são submetidas

O conceito de interseccionalidade foi cunhado no final da década de 80 pela jurista e professora afro-americana Kimberlé Crenshaw. A ativista percebeu que, apesar de os movimentos feministas discutirem pautas importante como a abertura de espaços para mulheres no mercado de trabalho, esses movimentos não representavam as mulheres negras, cujos corpos eram discriminados tanto pelo sexismo quanto pelo racismo. Havia, portanto, a necessidade de tornar esses movimentos mais inclusivos uma vez que, se as mulheres brancas eram oprimidas por serem mulheres, as negras eram ainda mais por serem mulheres e negras. Surge, então, o movimento feminista negro colocando em pauta a inteseccionalidade, ou seja, essa interseção de fatores (como raça, gênero e classe) que impactam a vida das mulheres negras. No Brasil, destacam-se os estudos de intelectuais como Lélia Gonzales e Carla Akotirene.

A interseccionalidade é fundamental para compreender as dinâmicas complexas de discriminação e desigualdade. Não podemos entender plenamente as desigualdades sociais sem considerar a interseção dessas identidades e como elas se combinam para moldar as experiências individuais e coletivas, considerando não apenas uma dimensão de identidade, mas como diversas formas de opressão se entrelaçam, impactando de maneira única cada indivíduo e grupo social.

A história das mulheres negras é atravessada por violências diversas. Nesse sentido, ações que levem em consideração o olhar interseccional são fundamentais.

Para saber mais sobre interseccionalidade, pesquise as indicações da página 20!

EM DESTAQUE:

MULHERES NEGRAS EMPODERADAS

Dia 25 de Julho comemora-se o dia Internacional da Mulher Negra, Latino-americana e Caribenha. Para celebrar essa data, elencamos aqui algumas mulheres negras empoderadas!

Mulheres negras que inspiram. Mulheres negras que resistem. Mulheres negras que fortalecem.

Para conhecê-las um pouco mais leia as páginas seguintes...

PARA ROMPER CICLOS...

PARCERIA SEDU/FORDAN

No dia 20 de junho, aconteceu, no auditório da Secretaria de Educação do Espírito Santo (Sedu), a cerimônia para a aula inaugural do Curso “Formação e Fortalecimento de Redes de Apoio para Mulheres em Situação de Violências: Parcerias FORDAN/UFES, GEEJA/SEDU e NUDEN/DPES”.



O projeto piloto, que inicialmente contará com a participação de cinco escolas estaduais, é uma importante iniciativa para o enfrentamento às violências e abordará temas como tecnologia da informação a serviços de mulheres em situação de violências; rede de saúde no acolhimento; monitoramento psicológico; políticas sociais de proteção às mulheres; relevância das redes de apoio; redes sociais digitais voltadas às mulheres em situação de violências e orientações jurídicas.

Ações como essa são de extrema necessidade, sobretudo se considerarmos que, estatisticamente, mulheres negras são maioria entre as vítimas. Nesse sentido, vale problematizarmos e refletirmos sobre quais ações podem ser desenvolvidas, no âmbito educacional, para contribuição na redução dos índices de violência contra as mulheres em nosso estado. O que podemos fazer por nossas mulheres hoje?!

@educacaoes

@fordanufes

@defensoriapublica_es

Musique-se...

Você conhece Luedji Luna?

Mulher preta, cantora, compositora brasileira. Suas composições retratam, entre outros temas, a diáspora negra, o preconceito, o empoderamento feminino e a afetividade.



Em entrevista para o canal Brasil de fato, a cantora fala a respeito de sua trajetória e de sua experiência com a arte. A cantora, entre outras declamações, afirma que “Falar de amor é essencial para as mulheres negras, construir um outro imaginário e narrativa, onde a gente possa superar o racismo, a dor, a solidão. Quando se pensa em afetividade das mulheres negras, diretamente se associa à solidão das mulheres negras, que é um tema super importante, mas não é só isso. Esta experiência é diversa, plural, está ligada à dor, mas está ligada ao prazer, ao desejo diverso. [O álbum] *Bom Mesmo É Estar Debaixo D'Água* veio num momento muito importante, onde eu já aceitei que o amor é uma demanda.” (Luedji Luna)

Leia a reportagem na íntegra e assista ao vídeo:



Poetize-se...

Vozes-mulheres

(Conceição Evaristo)

A voz de minha bisavó
ecoou criança
nos porões do navio.
ecoou lamentos
de uma infância perdida.
A voz de minha avó
ecoou obediência
aos brancos-donos de tudo.
A voz de minha mãe
ecoou baixinho revolta
no fundo das cozinhas alheias
debaixo das trouxas
roupagens sujas dos brancos
pelo caminho empoeirado
rumo à favela.
A minha voz ainda
ecoa versos perplexos
com rimas de sangue
e
fome.

A voz de minha filha
recolhe todas as nossas vozes
recolhe em si
as vozes mudas caladas
engasgadas nas gargantas.
A voz de minha filha
recolhe em si
a fala e o ato.
O ontem – o hoje – o agora.
Na voz de minha filha
se fará ouvir a ressonância
o eco da vida-liberdade.



Conceição Evaristo, poemas da recordação e outros movimentos (2008)

BIANCA BLANDINO FLORENTINO

Nascida e criada no território quilombola do Sapê do Norte, Espírito Santo, município de Conceição da Barra-ES, leciona no ensino médio a disciplina de Física na EEEFM Augusto de Oliveira e coordena o Programa de Fortalecimento da Aprendizagem (PFA), nesta mesma escola.

Bianca é secretária da Comissão Permanente de Estudos Afro-brasileiros (Ceafro - São Mateus/ES), é membra do Grupo de trabalho da Educação quilombola do Sapê do Norte e mestranda do programa de pós graduação em Educação em Ciências e Matemática (Educimat - Ifes).

“Sou mulher negra, quilombola, do campo no campo e para o campo. Filha única de mulher. [...] Toda a minha história é imbricada pelo movimento social negro, em todas as fases de minha vida, participava de reuniões com minha mãe. Mais tarde, do grupo de jovens e seguindo em buscas de respostas, ingressei no ensino superior. Interrogava os professores pela história não contada dos negros da nossa região, uma vez que ouvia, enquanto criança, meus pais e meus avós falarem dos feitos e astúcias dos negros valentes que por ali andavam.”

Para a professora, a “Ancestralidade é tudo que antecede ao que somos por isso ela nos forma. Minha trajetória profissional implica nesta dinâmica de interação, buscando inaugurar caminhos para um fazer percurso pedagógico em escolas quilombolas. Percursos esses que dialogam com a reflexão e ação, ou seja, a práxis na educação para que vise o fortalecimento das comunidades quilombolas onde o vínculo entre educar e aprender são ancestrais, não são atributos exclusivos da escola.

Oxalá, possamos ultrapassar barreiras e romper paradigmas, ou seja, não seguir um modelo único ou padrões que se apresentam como prontos e acabados, mas sim, inovar, indo além do que se vê, construindo a aprendizagem significativa possibilitando a articulação entre o aluno e aquilo que ele traz de conhecimento prévio, proporcionando novos conhecimentos, construídos a partir do próprio aluno ou do grupo, tendo o professor como mediador do processo.”

Em meio às suas reflexões, a pesquisadora procura mostrar em suas pesquisas formas de incluir e relacionar o saber escolar e o saber local na realidade da Educação Escolar Quilombola dos estudantes, tendo como referencia os dizeres do educador Paulo Freire “Não há saber mais e saber menos, há, saberes diferentes”.



FERNANDA MOREIRA LEITE

Fernanda tem 17 anos, estudante da terceira série do Ensino Médio da Escola EEEFM Maria Ortiz, onde foi líder de turma e é acolhedora. Fernanda se destacou ao protagonizar a releitura de “Crônicas de Nárnia”, produzida pelo teatro popular do Grupo Marte, na escola onde estuda. Além disso, protagonizou e atuou na produção da peça “Twinkle” (autor: Tahllys Machado) e realizou emocionante interpretação do poema “*Me gritaram negra*” (Victoria Santa Cruz). Fernanda encanta e emociona o público em todas as apresentações desse projeto.

Recentemente, participou de uma oficina desenvolvida com o intuito de trazer mais pessoas pretas para a cena do audiovisual capixaba. Foi uma realização do Crias-Lab, e o produto final da oficina foi a produção do clipe “Santo Orixá Guerreiro” de Monique Rocha (sambista capixaba).

Fernanda é uma jovem politizada, disposta a realizar e participar de discussões em prol da coletividade e dos grupos que representa: os estudantes e a juventude, especialmente, a negra. No momento, seu grande sonho é ingressar na universidade e contribuir ativamente com a permanência da diversidade desse espaço, bem como com ampliação das possibilidades de acesso do jovem negro periférico por meio de suas lutas e de seu engajamento.



JAQUELINE GOES DE JESUS

A cientista brasileira fez parte da equipe que conseguiu mapear os primeiros genomas do novo coronavírus (SARS-CoV-2) no Brasil em apenas 48 horas após a confirmação do primeiro caso de Covid-19 no país, enquanto em outras partes do mundo esse mapeamento foi de 15 dias. A sequenciação possibilitou distinguir o vírus que infectou o paciente brasileiro do genoma encontrado em Wuhan, na China, lugar de origem da epidemia. Nascida na Bahia, Jaqueline aprendeu desde cedo, com seus pais, a valorizar o conhecimento por meio de brinquedos educativos, acesso à leitura e música. Graduiu-se em Biomedicina e é doutora em patologia humana e experimental pela Universidade Federal da Bahia - UFBA - em associação com a Fiocruz. Em 2018, enquanto fazia estágio em Birmingham, a pesquisadora desenvolveu e aperfeiçoou protocolos de sequenciamento de genomas



completos pela tecnologia de nanoporos do vírus Zika, além de protocolos para sequenciamento direto do RNA, o que contribuiu em sua pesquisa com o Sars-CoV-2. A pesquisadora recebeu prêmios e foi homenageada em diversos espaços pelo seu empenho na luta contra o coronavírus. Jaqueline integra o Centro Conjunto Brasil-Reino Unido para Descoberta, Diagnóstico, Genoma e Epidemiologia de Arbovírus, um projeto de monitoração de epidemias com o objetivo de dar respostas em tempo real.

Para saber mais sobre a cientista Jaqueline Goes de Jesus, acesse a entrevista que ela concedeu ao Portal Luneta, disponível no link: <https://lunetas.com.br/jaqueline-goes-lugar-de-menina-na-ciencia/>

CAROLINA MARIA DE JESUS

Foi (1914-1977) uma escritora brasileira, considerada uma das primeiras e mais destacadas escritoras negras do País. Ela é autora do livro best seller autobiográfico “Quarto de Despejo: Diário de uma Favelada”, além dos livros:

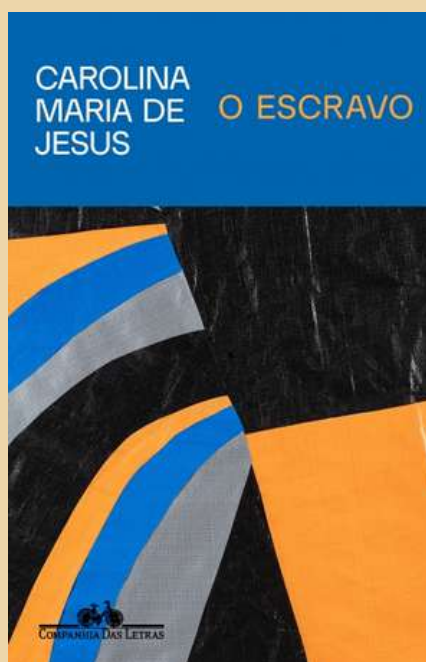
“Casa de Alvenaria: Diário de uma Ex-favelada” (1961); “Pedaços da Fome” (1963); “Provérbios” (1965); além de “O diário de Bitita” e “Os escravos”, publicados postumamente, em 1982 e 2023, respectivamente.

Carolina Maria de Jesus nasceu em Sacramento, no interior de Minas Gerais, no dia 14 de março de 1914. Com sete anos, ingressou no colégio Alan Kardec, onde cursou a primeira e a segunda série do ensino fundamental. Apesar de pouco tempo na escola, Carolina logo desenvolveu o gosto pela leitura e pela escrita. Em 1930, muda-se com a família para Franca, São Paulo. Aos 23 anos, perde a mãe e vai para a capital. Em 1948, muda-se para a favela do Canindé. Morando na favela, durante a noite trabalhava como catadora de papel. Lia tudo que recolhia e guardava as revistas que encontrava. Estava sempre escrevendo o seu dia a dia.

Em 1958, o repórter do jornal Folha da Noite, Audálio Dantas, foi designado para fazer uma reportagem sobre a favela do Canindé e uma das casas visi-

tadas foi a de Carolina Maria de Jesus. Carolina lhe mostrou o seu diário, surpreendendo o repórter. Audálio ficou maravilhado com a história daquela mulher. No dia 19 de maio de 1958, Audálio publicou parte do texto, que recebeu vários elogios. Em 1959, a revista O Cruzeiro também publicou alguns trechos do diário.

Em 1960, foi finalmente publicado o livro autobiográfico “Quarto de Despejo: Diário de uma Favelada”, com edição de Audálio Dantas. Com uma tiragem de dez mil exemplares, só durante a noite de autógrafos foram vendidos 600 livros.



ROSE SOUZA

PROFESSORA MA. DA REDE ESTADUAL DO ESPÍRITO SANTO

Mestra em Ciências das Religiões pela Faculdade Unida de Vitória, possui Bacharelado em Turismo pela Universidade Vila Velha (UVV-ES), Licenciatura em História pela Faculdade Multivix e Licenciatura em Geografia pela Fabra. Completou Pós-Graduação em Gestão Pública de Gênero e Raça pela Universidade Federal do Espírito Santo e uma Pós-Graduação Lato Sensu em Educação Profissional Integrada à Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos - PROEJA pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Espírito Santo.

Foi militante do movimento estudantil na década de 90, atuando como diretora da União Municipal dos Estudantes Secundaristas e da Ubes - União Brasileira dos Estudantes Secundaristas. Participou das direções estadual e nacional da UJS (União da Juventude Socialista) e compôs o Conselho Municipal de Cultura da Serra, além de fazer parte da UNEGRO/ES (União de Negras e Negros Pela Igualdade). Também participou do documentário "FILME QUEIMADO - A LUTA PELA LIBERDADE" (Link disponível na imagem).



LÉLIA GONZALEZ

Nascida na cidade de Belo Horizonte, Lélia era a décima sétima filha de uma família de 18 filhos. Ela sempre ressaltava possuir origem negra por parte de pai e indígena por parte de mãe. Como seus irmãos, Lélia trabalhou desde jovem. A escritora formou-se bacharel em Filosofia, Geografia e História pela Universidade Estadual da Guanabara (atual UERJ), na década de 1960. Foi professora da UERJ, da PUC e de outras instituições. Lélia foi fundadora do Movimento Negro Unificado e em 1983 fundou a organização Nzinga, um coletivo de mulheres negras feministas que rodou o Brasil e o mundo. As experiências pessoais e sociais de Lélia com o racismo, como a rejeição da família de seu marido (de ascendência europeia), e as experiências políticas e acadêmicas foram decisivas para Lélia construir sua linha de pensamento escrita em narrativas críticas resultantes dessas vivências. Lélia Gonzales é a autora de obras como “Lugar de Negro”, “Por um feminismo afro latino americano”, “Retratos do Brasil negro”. Lélia cunhou o termo “pretuguês” e é referência de grandes referências do movimento negro, como Angela Davis, por exemplo.



IASMIN SOUZA LIMA MOREIRA

Concluinte do Ensino Médio em 2021 pela EEEFM Vila Nova De Colares, hoje com 20 anos, Iasmin sempre morou com seus avós. Foram eles que a colocaram, com 5 anos de idade, em um projeto no seu bairro, chamado Centro Social São José de Calazans, que tinha várias oficinas como: Ballet, Capoeira, Hip hop, Informática, Matemática, Português, Alfabetização, Administração e Coral. A jovem participava de todas essas oficinas e foi lá que ela descobriu que queria se tornar uma bailarina profissional – “eu tenho uma paixão pelo ballet que eu nem sei explicar esse amor e a felicidade imensa que é estar dançando”.

Ela teve a oportunidade de ganhar bolsa de estudos de ballet na academia da professora que dava aula no referido projeto. Com 18 anos, Iasmin começou a ministrar aula de ballet, sendo hoje professora da Escola de dança Ballet Nilcéia Mateus.

Iasmin já dançou publicamente mais de 50 coreografias, além de realizar apresentações em escolas e creches. Ela ficou em 3º lugar no Enesdança (2022/2023) e 2º lugar de bailarina destaque em 2023.

“Hoje em dia eu moro sozinha, trabalho e procuro sempre evoluir cada vez mais, acho que se eu e meus professores do ballet não tivéssemos acreditado na minha capacidade, hoje eu não chegaria aonde consegui chegar. Agradeço sempre a Deus por cada oportunidade que ele me deu, cada dia que passa eu fico mais grata por cada conquista dentro desse mundo do ballet. Dançar com a alma e se entregar por inteiro na dança é uma sensação tão incrível e gratificante. Nós bailarinas sentimos tão felizes e realizadas pelos trabalhos que estão sendo entregues com muito amor e muita dedicação.”



 balletilceiamateus

 iasmin.bailarinaofc



VIVIANE DOS SANTOS BARBOSA

Nasceu em Salvador, Bahia, e durante a conferência científica internacional realizada na cidade de Helsinque, na Finlândia, em 2010, ela recebeu um importante prêmio pela pesquisa que apresentou. Esse evento ocorre a cada quatro anos, em diferentes lugares, e reúne cientistas de diversas áreas do mundo inteiro. A cientista brasileira apresentou seu projeto desenvolvido na Universidade Técnica de Delft, na Holanda, onde ela cursou bacharelado em Engenharia Química e Bioquímica e também onde fez mestrado em Engenharia Química, no departamento de Nanotecnologia. Viviane concorreu com cerca de 800 outras pesquisas científicas. Sua pesquisa consistia na produção de catalisadores metálicos nanoestruturados, produzidos por meio do método que possibilita a mistura de metais e o controle das dimensões em escala nanométrica, com o potencial de gerar novas propriedades catalíticas. Esse catalisador produzido por Viviane se diferencia dos outros até então produzidos por funcionar em temperatura ambiente, reduzindo a emissão de gases tóxicos, podendo ser utilizado na produção de energia alternativa e no controle ambiental. Seu projeto foi considerado de grande relevância no meio científico.



CONCEIÇÃO EVARISTO

Nasceu na capital de Minas Gerais, Belo Horizonte, no ano de 1946 e mudou-se para o Rio de Janeiro na década de 1970. Conceição é graduada em Letras, mestre e doutora em literatura brasileira e foi professora da Educação Básica. A professora começou a publicar seus escritos na década de 1990 e hoje, seus contos e livros vêm sendo estudados em universidades de diversos países. Evaristo tem uma escrita de características próprias, mas que se une a vivências coletiva dos negros no Brasil. A autora concebe essa forma de escrever como “escrevivência”, sendo uma escrita impregnada do cotidiano e da realidade negra no país. Conceição tem volumes de contos publicados como “Olhos d’água”, “Insubmissas lágrimas de mulheres”, bem como romances reconhecidos nacional e internacionalmente, como é o caso de “Ponciá Vicêncio” publicado em 2003.



JUNIA HELENA FERREIRA DOS SANTOS

Professora de História da Rede Estadual do Espírito Santo há 11 anos, doutoranda em História, Política e Bens Culturais e escritora. Lançou em 2024 seu primeiro livro intitulado “Devaneios nem tão secretos” O livro é uma coletânea de poemas e prosas poéticas sobre variados temas que envolvem suas vivências, rotina, ansiedade, afetos, e experiências da autora.

Junia é uma professora engajada sempre em busca de conhecimento e de experiências que ao longo dos anos agregam sua bagagem profissional e humana e que sente muita satisfação em compartilhá-las de diferentes formas. Além do livro, Junia é idealizadora e criadora de conteúdo da página “Viagens, Olhares, Encantos e outros contos de Helena” desde 2016, onde encontramos relatos, postagens e memórias de suas “andanças mundo afora” como a própria autora denomina suas experiências turísticas. Com suas experiências, seus conhecimentos, sua presença e ação enquanto mulher negra segue inspirando alunos, colegas e seguidores.



TAMYRES BATISTA

Nascida em 1997, atua como professora na rede pública estadual do Espírito Santo (SEDU/ES) lecionando a disciplina de sociologia e sociedade, no itinerário de Ciências Humanas chamado "Modernização, transformação social e meio ambiente"(MOD). Desenvolve pesquisa de mestrado no programa de pós-graduação em Ciências Sociais (PPGCS/UFES) na linha de "estudos socioambientais, culturas e identidades", onde investiga a temática de construção de trajetórias de vida e religiões de Matriz Africana.

"O projeto que estou desenvolvendo agora e que tenho muita alegria em fazer parte é o projeto Afrocientistas, que desenvolvemos com estudantes negros de 2ª e 3ª série do ensino médio da EEM Colégio Estadual de Vitória". O projeto Afrocientista é uma iniciativa da Associação Brasileira de Pesquisadores(as) Negros(as) – ABPN que tem por objetivo incentivar o pensamento científico e a carreira universitária de jovens negros, oferecendo bolsas financeiras para apoiá-los em suas jornadas acadêmicas.

A professora conclui "**O que me inspira é lutar por uma educação pública, gratuita, de qualidade e antirracista**".




ISABELLY LENZI

Com 19 anos, Isabelly é aluna de 3º ano do Núcleo Estadual de Educação de Jovens e Adultos (Neeja) da EEEFM PROF. MARIA DE LOURDES SANTOS SILVA e é tranquista há 9 anos. Sua maior inspiração no ramo profissional foi a famosa tranquista do jogador Neymar – “sempre gostei muito do trabalho dela, foi vendo os trabalhos dela que decidi me dedicar pra estar no mesmo patamar”.

Foi criada pela sua avó desde pequena, mas sempre teve muito contato com seus pais. Ela é filha única de pai e a mais velha de 2 irmãos por parte de mãe. A jovem comentou: “Sempre me inspirei na força da minha avó e da minha mãe, e hoje tudo que conquistei foi com base na criação delas.” Sua frase preferida é “Nunca me deram o peixe, mas sempre me ensinaram a pescar”. Um dos seus maiores desafios como tranquista de domicílio foi que no começo nem sempre era tratada com respeito e era vista com robô pelos clientes. Mas Isabelly persistiu em seu sonho. “Espero crescer no mundo do empreendedorismo e ter minha marca conhecida pelo Brasil”, afirma.

A jovem se orgulha da sua identidade racial e compreende o quanto ela tem influência em seu trabalho por conta de toda a história do mundo das tranças afro. Seu conselho para jovens mulheres negra é “Jamais tenha medo de começar do zero, grandes empreendedoras começaram pequeno, tudo se conquista com muita determinação e foco sem desistência”.



 braidsporisa

THAWANY ROSA

Tem 17 anos, é aluna do terceiro ano da EEEFMI Professora Maria de Lourdes Santos Silva e tem a família como algo muito valioso. Mora com sua mãe, Rosana Rosa, sua maior e melhor inspiração! Thawany relata que “Além de ser quem me criou muito bem, vi ela batalhar para poder cuidar de mim da melhor forma. Durante muitos anos minha mãe trabalhou na casa dos outros para poder cuidar da nossa casa e, com isso, via e vejo como ela é guerreira. Com essa rotina de nem sempre ter a minha mãe em casa, eu amadureci rápido, foi um posicionamento que tomei.” Foi por meio dessa realidade que a adolescente teve várias experiências de trabalho – “um bico aqui um bico ali, mas nunca parada” – com as quais conseguiram avançar juntas, fazendo cursos.

Atualmente, a jovem Thawany tem duas principais fontes de renda: o ramo do marketing digital e o da confeitaria. O empreendedorismo por meio da confeitaria é devido a seu gosto e aptidão por cozinhar. Ela iniciou suas vendas de doces para familiares, amigos e colegas de escola.

Além disso, ela sempre gostou de mídias sociais. Começou fazendo cartazes da sua igreja até que apareceu a oportunidade de realizar um curso de marketing digital que durou 2 anos.

Para ela “um dos maiores desafios como empreendedora negra é o fato de algumas pessoas serem muito desconfiadas com o meu trabalho, outras até te questionam: Por que você está vendendo? É você que faz mesmo?”.

Thawany, conclui dizendo, como mulher negra empoderada que “A identidade racial e cultural não apenas influencia, mas pode enriquecer e fortalecer a abordagem de uma empreendedora, proporcionando vantagens competitivas e impulsionando o sucesso nos negócios. Para os que querem começar o seu próprio negócio a minha dica é: Comece! Uma hora você vai errar, mas em outra você vai acertar. Vão surgir várias e várias dúvidas, mas vai dar certo! Você é o seu chefe então você tem que acreditar que você é capaz, você consegue! Faça com amor e dedicação total, e seja constante! Eu amo esses dois trabalhos e ambos comecei por amar o que fazia, mas quando vi que poderia ganhar dinheiro com isso, juntei o útil ao agradável. Com esses trabalhos pretendo crescer e, claro, cuidar da minha tão amada mamãe.”



tutudebom_



DARLETE GOMES NASCIMENTO

“Uma mulher preta que se gosta preta. Pronto!”

Mãe, professora, ardente defensora dos direitos humanos, voluntária em cursinho popular pré-Enem. Especialista em História e Cultura Afro-brasileira e Africana, com várias publicações com temas voltados à educação para as relações étnico-raciais. Atualmente está à frente do projeto Missão Pedagógica Preta da SRE Carapina.

“Minha bandeira de luta é pela educação antirracista na Educação Básica. Busco pautar minha vida na filosofia africana do UBUNTU: eu sou porque nós somos!”



ELISA LUCINDA

Mulher preta, multiartista brasileira. Atriz, cantora, escritora e poetisa, Elisa é uma personalidade relevante no cenário cultural brasileiro. Nascida em Cariacica, no Espírito Santo, em 1958, Elisa Lucinda Campos Gomes teve apoio e incentivo familiar para exercer sua criatividade.

A família era de classe média e o seu pai era um professor de Língua Portuguesa, o que fez com a menina se interessasse por poesia ainda na infância e fizesse aulas de declamação de poesia aos 10 anos.

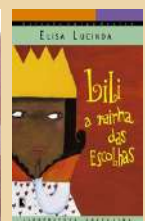
Se formou como jornalista na Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) e chegou a exercer a profissão nos anos 80.

Em 1986 Elisa Lucinda decide ir para o Rio de Janeiro buscando uma transição de carreira. Ela se torna atriz e trabalha em peças teatrais, filmes, novelas e minisséries.

Elisa atuou pela primeira vez na televisão em 1989, na novela Kananga do Japão, na Rede Manchete.

Além de atriz, Elisa se envolveu intensamente com a escrita, sobretudo a poesia. Seu primeiro livro foi publicado de forma independente em 1992 e recebeu o título de *Lua que menstrua*. Em 1995 publicou *O Semelhante* pela editora Record. Era um livro de poemas e deu origem a uma peça teatral de mesmo nome. A partir de então publicou mais de dez obras literárias.

Elisa Lucinda também atua como cantora e fez parcerias com nomes importantes da música brasileira. Além de sua atuação relevante na área socioeducativa. No final dos anos 90 criou a Casa Poema, entidade que realiza um trabalho expressivo capacitando pessoas através da poesia.



LUCIENE CARLA CORRÊA FRANCELINO

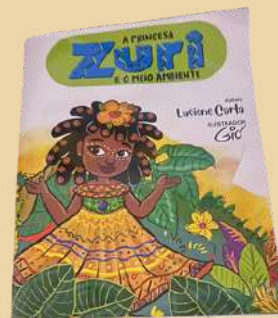
Professora de História e de Educação Infantil. Historiadora e contadora de histórias. Mestre em História pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) e doutoranda em História pela mesma instituição. Especialização em História do Brasil; Direitos Humanos e Relações Étnico-Raciais. Militante do Movimento Negro Capixaba e integrante da Academia Cachoeirense de Letras.



“A luta antirracista é uma tarefa de toda a sociedade”

Livros publicados:

- Entre o cuidar e o curar: As Irmãs de Jesus na Eucaristia e a Santa Casa de Cachoeiro (2021)
- A construção histórica do racismo e a luta antirracista (2022)
- Crônicas de resistência e outras histórias (2023)
- A princesa Zuri e o meio ambiente (2024)





Djamila Ribeiro

Filósofa, escritora e coordenadora da iniciativa Feminismos Plurais



Silvana Belonha

Advogada com atuação em Previdenciário e Trabalhista



Magda Magalhães Ribeiro

Pedagoga da Rede Estadual do ES



Aline Eduardo Machado

Professora de filosofia e ensino religioso da Rede Estadual do ES
Técnica Pedagógica do Currículo - Sedu/ES



Sara Kaliana de Almeida Ferreira

Psicóloga
Trainee de Gestão Pública na Geaciq - Sedu/ES



Ana Paula Moura Careta

Professora de Matemática da Rede Estadual do ES
Técnica Pedagógica da Geaciq - Sedu/ES



Amanda Cardoso dos Santos

Pedagoga da Rede Estadual do ES



Aline Oliveira Silva

Bacharel em Direito, graduada em Cinema Audiovisual
Agente de Suporte Educacional na Gerência de Gestão Escolar - Sedu/ES



Celiane da Silva Vieira

Professora de Língua Portuguesa da Rede Estadual do ES



Cacau Protásio - Anna Cláudia Protásio Monteiro

Atriz, comediante e empresária brasileira



Maria da Penha Geciano Filho

Estudante de Arquivologia na Ufes

Auxiliar de Secretaria Escolar na Gerência de Estatística e Informação - Sedu/ES



Silvania Ferreira de Almeida

Professora de Ciências e Química da Rede Estadual do ES

Coordenadora Pedagógica - SRE Barra de São Francisco



Geyza Guimarães Presenza

Professora de Educação Especial com ênfase em Deficiência Intelectual



Noélia da Silva Miranda

Escritora e Professora Pedagoga na rede pública de ensino da Prefeitura Municipal de Vitória-ES



Monique Santiago de Carvalho

Professora de Geografia da Rede Estadual do ES

Técnica Pedagógica da Geaciq - Sedu/ES



Danielle Evellyn Brasil de Jesus

Analista do Programa de Alfabetização em Regime de Colaboração - Sedu/ES



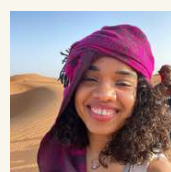
Letícia Patrocínio Pereira

Assistente Administrativa na Gerência de Gestão Escolar - Sedu/ES



Kali Oliveira

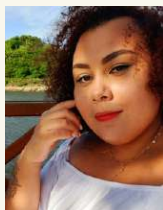
Escritora, contadora, educadora, mentora de escrita e publicação de livros



Luanne Lima Ferreira

Professora de Matemática da Rede Estadual do ES

Técnica Pedagógica da Geaciq - Sedu/ES



Isadora Cristina Wandenkolk Pechincha

Jornalista

Assessoria Especial / Comunicação - Sedu/ES



Carolinne Quintanilha Ornellas

Professora de Língua Portuguesa da Rede Estadual do ES

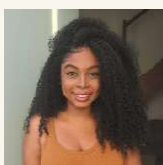
Subgerente de Desenvolvimento Curricular da Educação Integral - Sedu/ES



Maria Eduarda Dally

Aluna egressa da EEEM Arnulpho Mattos

Estudante de Engenharia Civil pelo Ifes/Vitória



Jacquelinny Souza Reis

Professora de Física da Rede Estadual do ES

Técnica em Gestão Escolar - SRE Carapina



Aline de Freitas Dias

Professora de História da Rede Estadual do ES

Gerente da Geaciq - Sedu/ES



Ana Cristina Pereira

Professora de Língua Portuguesa da Rede Estadual do ES

Técnica Pedagógica da SRE Cachoeiro



Kelly Cristina Soares Lima

Professora de Língua Portuguesa da Rede Estadual do ES

Coordenadora da Ceafro - Sedu/ES



Luciane Silva

Escritora, palestrante e Professora de Língua Portuguesa do Rio de Janeiro



Marielle Franco - Marielle Francisco da Silva

Socióloga, ativista e política brasileira



Jaqueline Marcelino de Souza

Professora de Sociologia da Rede Estadual do ES

Técnica Pedagógica da SRE Vila Velha

REFERÊNCIAS

INTERSECCIONALIDADE

í - ; [[1&1 1 1 1 1&
1JFHR

& [, í 1- 1 / / / / /
/ / / / 1

[1] 1 1] 1 HF 1 H1 HPHHQ
H JFFJ 1% 1 1

L] ? KRP Q ó
íí 1 1FQ1 1JFJL

& [, í 1 - 1 / / 1
1 1 1 1 1 1
1 1& 1& 1 1. 1 1 1
JK1 1JFHP1HRRK 1% 1

[J QF Qí HL íí 1 1FQ1 1JFJL

[% [1 1 / / / 1 1 1 1
& íí 1JFJJ 1% 1
/ Q] F Q1í 1 1FQ
1JFJL

2 22 2 20



***“SE A COISA TÁ
PRETA, A COISA
TÁ BOA”***

JULHO DE 2024

